

A PEROLA

Último NÚMERO

Editor, Gabriel Pereira de Mesquita

Officina de IMPRESSÃO, Minerva Typ. GUISE

AMOUR DANSANT

31 - 12 - 905

Se v. ex.ª me attendesse ...
Se eu merecesse
Uma amizade de irmã
EM ADVANT.

E depois não custa naça
Ser se amada:
E' mesmo bom... pois não é?
BALANCE.

Vamos, diga-me sim!
Mas enfim:
Se por acaso ama alguém
TOUR DE MAIN.

Senhora, supplico. imploro,
Se não, choro.
Ha-de amar-me, pois não ha-de?
PROMENADE

Do assentimento um signal
Não faz mal:
Pode dar-m'o, ninguém vé
TRAVERSEZ.

Um beijo... Não seja má.
Então dá?
Mesmo em cheio aqui na face...
A SES PLACE.

PARA SEMPRE?

Se me convidassem para assistir *decentemente* ao funeral d'alguma pessoa altamente considerada, em certo dia e em tal lugar, eu recusar-me-ia d'um modo terminante porque, desprovido da sobrecasaca e da claqué do estylo, não podia satisfazer por completo as exigencias da sociedade, que ainda avalia os homens pelo fato.

Como, porém, fui convidado para assistir á *rontade* a um funeral em que se dispensam lagrimas, luctos, perfumes, pedantismo etc., não tive duvida alguma em acquiescer ao convite, e cá estou.

Tracta se, meu presado leitor, de suspender a publicação da interessante revista litteraria vimaranense—A Perola—a quem o publico tem negado o indispensavel favor do seu auxilio.

Mas será... para sempre?

Talvez. talvez. O grande publico, o publico que pode bem dispensar favores, não sympathisa muito com as publicações d'esta natureza: mofa dos litteratos como os rapazes d'um velho alquebrado, que perde o seu tempo a dar onvidos ás facecias que lhe dirigem.

Mormente em Portugal todas as revistas litterarias, boas e más, estão condemnadas a ter vida curta. Que se importa a maior parte da gente com arte, se quem a faz é doido, porque ainda não encarou a vida a serio!

E' preciso que sejamos positivos, amigos do interesse e pouco escrupulosos no cumprimen-

to dos nossos deveres. Desinteresse e escrupulos não engordam ninguém — e a vida assim encarada, como alguém raciocina, ainda pôde valer alguma coisa...

Tenho notado que a litterario-mania apenas apoquentá um numero muito limitado d'homens. Mal sei explicar o porquê d'esta restricção, mas não ha duvida que o que affirmo é verdade.

Em consequencia d'isto os acommettidos por essa *doença* têm de lutar immenso para se conservarem firmes no seu posto. De todos os lados ha quem lhes observe que as litteratices nada valem; abre-se um livro de versos para se fechar logo em seguida e exclamar com desprezo: coisas sem nexo d'um triste idiota, d'um pobretão sonhador... Se o livro só contém prosa, concede-se lhe o favor da leitura de meia duzia de suas paginas, para se saber se o auctor se entretteve a depreciar o mérito d'alguma pessoa por quem o leitor sente uma certa animadversação. As outras coisas, aquellas que foia n'arrancadas pelo escriptor, da sua grande alma, como perolas do fundo d'um mar, não valem o sacrificio da analyse e despresam se.

As revistas litterarias, então, meus amigos, é que são escorraçadas brutalmente como animaes leprosos.

Admitte-se lá esta especie de publicação, que não nos informa do estado de saude do snr. Fulano, que occupa na sociedade um logar invejavel; que não nos diz, circunstanciadamente, o modo como em tal parte, ás tantas horas, foi commettido um crime repugnantissimo, com a aggravante de sêr a victima o nosso distincto e intelligente amigo o snr. Bel-

trano, a quem muito e muito presamos; que não narra o caso celebre de um chefe de familia, sem meios alguns de fortuna, se vê obrigado a comprometter a sua honra, desviando do banco de tal, onde era empregado ha muitos annos, uma somma assaz avultada, fugindo em seguida não se sabe para onde; e que enfim nos não põe ao facto da ida para a praia e do regresso a suas casas das mais illustres familias da localidade! Admitte-se lá!

E' por isso que o desaparecimento d'«A Perola» talvez seja... para sempre.

Pois seja! Apesar de tal succeder, os *novos* que collaboraram nas suas paginas hão-de recordar se d'ella durante muitos annos e amalla como quem ama a photographia nítida e expressiva d'algum ente querido que a morte tenha levado.

Semelhantemente não podem gosar os que não comprehendem estas coisas bem simples —poemas adoraveis da mocidade, dispersos em folhas volantes...

Eu é que, infelizmente, só vim á ultima hora, no momento em que tudo se prepara para vibrar o derradeiro golpe—o golpe mortal.

Quiz o a acaso que assim acontecesse e portanto devo calar-me.

Mas se um dia «A Perola» se sentir animada para voltar á vida, quero que me reservem um lugar ainda que modesto para saudar a sua reaparição.

Guimarães 18 XII 905

S. R.



Ultimo dia

Vae findar-se com o presente numero, a nossa querida *Perola*.

As castas violetas, aquellas flôres que lhe eram tam queridas e que tanta vez ella cantou nas suas columnas de marmore vam, lacrimosas e cheias de mágnua, acompanha-la ao tumulo do Esquecimento.

Pobre creança! tam nova ainda e já sente na alma os desgostos inglorios da vida!

Vae morrer a pobresinha e não mais viverá!

Quando o perfume açucenal pelas campinas em flôr surgir na proxima primavera, quando o gorgueio mais assiduo das cotovias repercutir em nossos corações uma canção d'amor, talvez que a nossa revista seja lembrada por alguém com justa saudade; mas a sua vida é impossivel.

E' impossivel porque lhe falton quasi todo o auxilio pecuniario; e uma publicação, seja de que natureza for, sem esse auxilio, não pode resistir aos baques da morte.

E o mesmo acontece á *Perola*.

Quando a sociedade femenina, a quem esta revista era dedicada, se manifesta indifferente pela sua vida e até concorre para a sua ruina, faltando lhe com os meios de que ella carece para o seu sustento; quando a ingratição se manifesta horrenda em seus corações; quando essa sociedade perde o caracter são e honesto que sempre devia possuir, já nos não surprehende que qualquer sucio sem honra nem dignidade nos pregne o *cão*.

Sabe Deus com que difficuldades a creancinha loira durou um anno.

Se o nosso coração partilhasse do sentimento baixo e hypocrita dos seus assassinos —que sam os caloteiros— talvez que ella já tivesse perecido ha mais tempo; mas o nosso pensar é differente e a nossa alma é mais nobre.

Alguns assignantes temos que nos merecem todo o respeito e consideração pelo bom acolhimento que nos deu e portanto estes não podiam soffrer por causa d'aquelles.

E assim, sacrificados até ao extremo, apesar da nossa despeza ser tres vezes maior do que a receita, nunca quizemos dar parte de... *fracos*, já pelo bom conceito que devemos a muitos dos nossos assignantes e colaboradores, já para não partilhar-mos dos sentimentos d'uma sociedade corruptora e devassa.

Expostas, pois, todas as razões da nossa despedida, só nos resta, unica e simplesmente, manifestar aqui o nosso mais profundo e sincero reconhecimento a todos aquelles que, moral e, materialmente, contribuíram, até hoje, para a sustentação da nossa revista; emquanto aos outros, aos retrogados, a esses miasmas nojentos, temos, para elles, a indignação mais rancorosa e o desprezo mau que se botam ás coisas inuteis.



Minhas SENHORAS

Até aos vossos olhos radiantes, vae, hoje, «A Perola» pequenina e lonca trajando galas.

Leva manto garrido e alegre, vae folgasá e despreocupada, na apparencia.

Mas, sob essas vestes de noiva e de rainha, Vós, senhoras minhas, mal imaginaes o pranto e a saudade, que esta pequenina «A Perola» esconde ás vossas vistas, com receio de vos magoar.

E' que ella que para Vós foi sempre um balsamo e uma companheira, vem dizer-vos adeus.

Como lhe custa esta separação cruel!

Vós, senhoras minhas, fostes a mãe terna e carinhosa, que a amamentastes no berço, que lhe amparastes os primeiros passos tímidos e vacilantes, e que a arremessastes á Vida, cheia de Sol e de caricias.

E foi a Vós que ella foi pedir um pedaço do vosso sentimentalismo dolente, para vos cantar a Belleza, para vós divinizar a Virtude.

De vós brotou, como a seiva que dá vida ás plantas, o estro fulgurante, para cantar as curvas graciosas dos Vossos olhos, a papoila rubra e calida da Vossa bocca, a floresta espessa dos Vossos cabellos, o arfar do Vosso seio, o perfil elegante e esbelto do Vosso corpo e—o que é mais ainda—a graça ideal da Vossa Alma-Vida, quando sois mãe, Luz, quando sois virgem...

Postes, senhoras minhas a estrella que a guiaste na sua curta vida, o poço onde ia beber a inspiração augusta da Poesia e da Arte.

E «A Perola», triste e melancolica, com a voz presa pela grande saudade de nunca mais vos surprehender no vosso trabalho de costura, ou, occultamente, a lançar phrazes d'Amor ao Vosso Romeu, pallido e loiro, diz-vos adeus, com um agradecimento sincero pelo muito que fizestes por ella.

XVIII-XII, MCMV

Mario Corrêa



DE que se TRATA...

Senhoras.

Nervosa e receiosamente lançando mão da penna, eis-me a tratos com a minha pobre imaginação na escolha de um pequenino artigo a V. Ex.^{as} dedicado.

Mas se até agora ainda não concebi o pensamento sobre o que se funde esse artigo, não sei, na verdade como haver-me?!...

Dedicar-vos, da minha lyra versos tristes, com gemidos, evocando Deus e a Virgem?... Oh! mas, antes de prosa duas linhas primorosamente compostas e repletas de delicadeza para sêr a vós destinadas.

Profundamente sentido sou forçado a levar ao conhecimento das gentis damas vimearanenses, que «A Perola», jornal essencialmente adamado e totalmente a vós dedicado, suspende a sua publicação com o presente numero, por motivos que a vós pouco importa saber...

Mas, se acima acabo de vos dizer que não optava por coisas tristes para vos sêr dirigidas, como se explica a triste noticia da suspensão d'A Perola n'este artigo? Ah! é que o author d'estas linhas, sente muitissimo tal acontecimento e quer quem o acompanhe no seu sentir. Uma ideia luminosa!... Vae sêr uma novidade que surgiu ultimamente para os chapéus:

É um artigo da **Moda Elegante!**...

São as palhas em côres misturadas, sobretudo verde sombrio, com as quaes se fazem deliciosas capotas e chapéus, tendo alguns em logar de fitas, laçadas feitas na mesma palha. Serve-vos, senhoras, este artigo? (Continua) O

chapeu redondo tem varias formas umas baixas com abas pequenas, para as senhoras a quem os grandes chapéus não ficam bem: e outros então em feitio de *carellina* muito grandes com aba um pouco obliqua, fitas em palha preta e amarella, que são uma elegancia e belleza extraordinaria, especialmente sendo usada por uma senhora alta e elegante!...

A. S. Carvalho



O NATAL DOS POBRES

O dia rompera alegre, enquanto que o sol que se ia preguiçosamente mostrando por detrás da Serra de Santa Catharina, espalhava pela cidade os seus raios doirados, que centenas de velhos tropegos e creanças esfarrapadas procuravam com avidez, fugindo do frio com que tiritavam nas suas humildes mansardas para se aquecerem.

Por toda a parte se notava n'esta nobre patria de Affonso Henriques um desusado movimento.

Na praça do mercado, via-se o povo em grande numero que disputava entre si a compra dos melhores generos que estavam á venda.

Nas mercearias onde a concorrência era enorme, todos queriam sêr primeiramente servidos allegando os muitos afazeres que tinham n'aquelle dia.

O povo ia e vinha com grande afan, fornecendo-se do necessario para a grande festa que em todos os lares n'aquelle dia se solemnisava, e comprando as prendas novas que haviam de estrear no dia seguinte.

E no meio d'esse turbilhão immenso de povo destacava se só, muda e triste, uma pobre mulher nova ainda, mas a quem os soffrimentos e privações desfiguraram por completo.

Com os olhos marejados de lagrimas, a pobresinha caminhava ao acaso por essas ruas, mal agasalhada com o roto chale que uma alma bemfazeja lhe dera pelas almas.

Não ousava levantar os olhos para as montanhas dos ourives ou para a exposição dos logistas, porque a sua bolsa vasia não lhe permitia essa expansão, mas quando passava defronte d'alguma casa de pasto onde sentia o cheiro das comidas, ali parava como para mitigar a fome com o simples aroma d'aquillo que a sua miseria não lhe permitia comprar.

Depois de muito caminhar, sentou se cansada: o acaso deparou-lhe uma pedra fosca que havia a um canto da rua, na qual se sentou, permanecendo alli por muito tempo com a cara occulta entre as mãos e chorando convulsivamente.

O povo passava sem fazer caso da infeliz que alli chorava a sua desgraça, até que uma

outra mulher já velha, e coberta de andrajos, em cujo peito se via uma chapa metálica com a inscrição: MENDIGO N.º 9, ao passar notou a sua attitude triste, e perguntou-lhe com voz carinhosa e doce:

—Que tem menina? Porque chora assim?

E a pobre sem reparar em quem a interrogava respondeu entre soluços: não tenho nada.

—Mas, voltou a mendiga, o que é que moliva essas lagrimas, essa tristeza?

Então a desgraçada vendo que a boa velhinha se lhe dirigia com tanto interesse, levantou lentamente os olhos, e exclamou ao vel a:

—Ah! É uma mendiga... como eu sou... Pois bem, santa mulher, vou contar-lhe a causa das minhas lagrimas: N'outro tempo, quando ainda meus paes eram vivos, o dia d'hoje era sempre festejado em nossa casa. E hoje que me encontro só no mundo, sem o amparo de ninguém, nem sequer tenho um triste bocado de pão para matar a fome. Com que saudade eu lembro a minha infancia... Se eu pudesse trabalhar... mas a doença...

—Oh! minha filha, não se desesperar, disse a velhinha acariciando-a. A bemdita caridade que Deus tanto ama, ainda não está de todo extinta nos bondosos corações. Eu também vivo d'esse santo recurso que Deus deixou aos pobres, mas repartirei comsigo a minha pobreza n'este dia. Venha se não comer bem ao menos matará a fome, esse grande flagelo dos desgraçados, e á noite comeremos ambas a ceia de Natal que nos resta, a ceia dos pobres.

E n'essa mesma noite as duas infelizes lá estavam entre muitas outras comendo a CEIA DE NATAL que a santa caridade proporciona aos pobresinhos.

Rnjoasojoz



FOME.

Noite pesada, noite sombria.

O vento sibila, a chuva cae em grossas batidas. O frio é intenso e n'uma misera choupana, nem lume ha para aquecer a pobre gente que n'ella habita. Em cima d'uma enxerga de palhas, está uma creança de 7 ou 8 annos, trillando de frio, mostrando pelo seu corpo macilento e magro, que a fome, essa terrível molestia, lhe tinha cravado as suas garras agudas, tendo a feito sua escrava.

A creança dorme despreocupadamente, parecendo alheia a tudo o que se chama desgraça. De repente, accorda, e chamando pela mãe, diz-lhe ingenuamente: «mãe, tenho frio.»

E a boa mulher, que não tinha uma manta por muito velha que fosse para cobrir o seu filho querido, chora esse pranto amargo, que corta a alma, e tira o gosto de viver. No mesmo instante, ouvem-se approximar um ruido

de passos, bem como os gemidos dolorosos de um homem que são quasi abafados por o barulho feito por o vento, e o cabir torrencial da chuva. De repente, os passos param e ouve-se bater á porta da choupana.

A pobre mulher sobresaltada, comprehendendo mal o que se passava, veio abrir, e... Oh horror! Oh desgraça das desgraças! O seu marido o amparo d'aquelles dois seres, era trazido em braços, quasi moribundo.

Passam se alguns dias, e os padecimentos do pobre homem aggravaram-se.

Mãe e filho, passam certas privações para que o doente com os seus disvellos, arrange algumas melhoras.

Um dia, a boa mulher sabiu a pedir uma esmola, para custear as despezas que seu marido fazia com a doença. Enquanto ella sossinha mendigava a triste esmola, em casa, a pequena creança, que por a sua pouca idade não podia comprehender as coisas, abeira-se do leito onde o pae agonisa, e diz lhe: «pae, tenho fome». E o pobre homem, a quem a agonia fazia succumbir lentamente, ouvindo esta supplica de seu filho, diz lhe: «Meu filho, pão...» e n'esta altura, suspira e diz adeus para sempre ao mundo, á vida, esse mundo e essa vida, que tão ingratos são. Passadas horas, chega a pobre mulher. Empurra a porta, entra. Diante de seus olhos encontra um espectáculo horrôso. No leito aonde poucas horas antes seu marido agonisava, encontra agora um cadaver; e a um canto estericado, mordendo a lingua, morto enfim pela fome, vê o ente querido das suas entranhas. Aquella bocca emudeceu, e nos seus olhos seccaram as lagrimas. Cae e não mais se levanta.

E assim acabaram para sempre, os trabalhos d'aquelles tres seres.

Braga, 16-12-905

Jorge Cruz (Reis o Pequeno)



GRITOS

Da turba que saltita ondina e vaporosa
N'um arrastar de gases caras, perfumantes,
Ha côlos de mulheres nus e palpitantes
E boccas a florirem doçura lang'rosa!

Archajinos olhares—falla misteriosa
Que diz aos corações segredos mil amantes!
E labios nacarados, quentes, chamejantes,
Labios a criptarem beijos côr de rosa!

A vida ali sorri—essa doce phantasia
Gerada de chiméras, sonhos e visões!
E eu, ao perpassar, encarando essa orgia

Grito com toda a força de meus ruins pulmões:
—Tu, oh trêdo goso, eras o que eu versaria
Se fosse Virgilio, Homéro, Dante ou Camões!

Deifim Guimarães